

LUGARES DE MEMÓRIA DOS TRABALHADORES, LUGARES DA HISTÓRIA SOCIAL DO TRABALHO

FONTES, Paulo. *Lugares de Memória dos Trabalhadores*. São Paulo: Alameda, 2023. 400 p.

Em artigo seminal originalmente publicado em 1974, Eric Hobsbawm destacou os avanços pelos quais o campo da história do trabalho passava naquele momento em termos de profissionalização, abandono de uma história contrafactual, exclusivamente focada nas lideranças, nas “batalhas ideológicas” e nos aspectos políticos e institucionais do movimento operário e dos partidos a ele associados. Tratava-se de uma história do trabalho efetivamente preocupada em estudar a classe trabalhadora em seu conjunto e em suas relações com outros grupos e classes sociais, suas condições e modos de vida, inclusive dos trabalhadores pobres e desorganizados. Ao mesmo tempo, Hobsbawm fazia um importante alerta com relação à preocupação de certos círculos

intelectuais, já naquele período, de produzir uma história que fosse de leitura compreensível e agradável para o público mais amplo: “Há uma diferença entre história e material inspirador ou de propaganda, ainda que uma boa história possa ser ambas as coisas”.¹

Cinquenta anos depois do alerta feito por Hobsbawm, verifica-se uma grande quantidade de publicações,

1 Eric J. Hobsbawm, “Labour History and Ideology”, *Journal of Social History*, v. 7, n. 4 (1974), pp. 371-381 [tradução minha]. Dez anos depois, o artigo foi republicado como capítulo de abertura de uma coletânea de trabalhos do autor: Eric J. Hobsbawm, “Labour History and Ideology” in Eric J. Hobsbawm (ed.), *Worlds of Labour: Further Studies in the History of Labour* (London: Weidenfeld & Nicolson, 1984). A citação direta traduzida para o português está na página 13-14: “There is a difference between history and inspirational or propagandist material, though good history may be both”.

principalmente digitais, portais acadêmicos e séries televisivas, que reivindicam para si ou são tratadas como pertencentes à chamada história pública ou mesmo divulgação científica. Nesses trabalhos, há uma preocupação – pertinente, diga-se – com a disseminação mais ampla do conjunto dos saberes produzidos no âmbito das universidades em linguagem que seja acessível ao grande público, formado por não especialistas, mas sem perder a qualidade do material divulgado, nem produzir reducionismos e simplificações.

O livro *Lugares de Memória dos Trabalhadores*, publicado por Paulo Fontes em 2023, inscreve-se nesse movimento intelectual que busca estreitar as relações entre Universidade e Sociedade. A obra reúne uma seleção de cem pequenos artigos (pequenos apenas na extensão), publicados originalmente na seção *Lugares de Memória dos Trabalhadores* do portal do Laboratório de Estudos de História dos Mundos do Trabalho,² empreendimento acadêmico criado por Paulo Fontes em junho de 2019 na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

2 Ver o site: [🔗](#)

Como o próprio título indica, o foco do portal, da seção e do livro é a história social do trabalho, uma história feita de acordo com padrões elevados de pesquisa e sofisticação teórica adquiridas nas últimas décadas e, ao mesmo tempo, uma história acessível ao público formado por não especialistas e com a qual os trabalhadores possam se identificar, que fale de sua experiência, suas vidas e lutas passadas e presentes. Nesse sentido, *Lugares de Memória dos Trabalhadores* se enquadra perfeitamente na preocupação anunciada por Hobsbawm: trata-se de obra de história de qualidade, feita por historiadores e historiadoras seguindo as regras do ofício. Ao mesmo tempo, é uma autêntica obra de história pública e divulgação científica, que tem potencial de inspirar os trabalhadores e as trabalhadoras e despertar uma relação de empatia no e com o grande público.

Destaque-se, também, que *Lugares de Memória dos Trabalhadores* está em sintonia com as preocupações presentes na comunidade de historiadores e historiadoras do trabalho que integram o GT Mundos do Trabalho, ao qual o autor é ligado desde sua fundação, em 2001. Essa atenção

a uma história do trabalho que seja compreensível para o grande público também está presente na *Revista Mundos do Trabalho*, fundada em 2009.³

Não foi à toa que essa publicação, que é líder do campo da história social do trabalho no Brasil, tenha publicado, em 2018 e 2019, dois artigos de Pamela Cox com importantes relatos de experiências e reflexões teóricas sobre o assunto. No primeiro artigo, ela se debruçou sobre a produção de duas grandes séries de história da BBC (British Broadcasting Corporation) sobre o trabalho feminino, ambas apresentadas e coescritas pela autora (*Servants*, 2012 e *Shopgirls*, 2014).⁴ No segundo, atenta às possibilidades do uso dos filmes como fontes históricas, ela analisou uma seleção de películas nas quais trabalhadores britânicos do início do século XX são protagonistas de uma série de história da TV britânica de 2019 chamada

Edwardian Britain in Colour (Canal 5), para a qual ela também contribuiu.⁵

O autor de *Lugares de Memória dos Trabalhadores* também tem um envolvimento anterior com o projeto de uma história pública do trabalho, tendo publicado importantes considerações teóricas a respeito desse assunto e sobre as relações entre museus do trabalho – com destaque para o *People's History Museum*, em Manchester, Inglaterra – e história do trabalho.⁶

Portanto, foi com esse background e em excelente companhia que Paulo Fontes publicou *Lugares de Memória dos Trabalhadores*. Os pequenos artigos foram assinados por 102 diferentes autores e autoras. Embora o Sudeste prevaleça em termos quantitativos, com 27 autorias

3 Para uma análise dos temas publicados pela *Revista Mundos do Trabalho* em sua primeira década de existência, ver: Aldrin Castellucci et al., “Os êxitos da história social do trabalho”, *Revista Mundos do Trabalho*, v. 12, pp. 1-12, 2020, [DOI](#).

4 Pamela Cox, “Traduzindo a história do trabalho para a televisão”, *Revista Mundos do Trabalho*, v. 10, n. 19 (2019), pp. 17-30, [DOI](#).

5 Pamela Cox. “Os usos de fontes cinematográficas e visuais na história do trabalho”, *Revista Mundos do Trabalho*, v. 11 (2019), pp. 1-12, [DOI](#).

6 Paulo Fontes, “Museu e história do trabalho: algumas experiências internacionais”, *Perseu*, n. 2 (2008), pp. 300-307, [DOI](#); Sidney Chalhoub e Paulo Fontes, “História social do trabalho, história pública”, *Perseu*, n. 4 (2009), pp. 319-328, [DOI](#). Para um estudo específico sobre o PHM, ver: Chris Burgess, “The Development of Labor History in UK Museums and the People's History Museum”, *International Labor and Working-Class History*, n. 76 (2009), pp. 26-35, [DOI](#).

vinculadas a diferentes instituições do Rio de Janeiro, 21 de São Paulo e 5 de Minas Gerais, em seu conjunto, os textos estão distribuídos por 16 estados das 5 regiões do Brasil, além de 3 dos Estados Unidos e 2 do Reino Unido. Da região Sul, foram publicadas 7 pesquisas do Rio Grande do Sul e outras 5 de Santa Catarina, não havendo artigos do Paraná. No Nordeste, o destaque ficou com a Bahia, que reuniu 8 dos 25 artigos oriundos de 7 dos 9 estados dessa região. Ficaram de fora o Rio Grande do Norte e Sergipe. O Norte contribuiu com 7 artigos, sendo 3 do Amazonas, 3 do Pará e 1 do Amapá. Não houve contribuições do Acre, Rondônia, Roraima ou Tocantins. O Centro-Oeste foi a região com menor participação, com apenas 1 artigo do Mato Grosso do Sul.

Longe de ser o produto de uma escolha deliberada do organizador da obra, a distribuição desigual na quantidade de autorias por região reflete a profunda desigualdade de desenvolvimento do Brasil, uma desigualdade que tem suas raízes históricas no estabelecimento de um federalismo concentracionista de investimentos

públicos da União em certas regiões do país, em detrimento de outras.

Vejamos o exemplo dos recursos federais para a educação superior: por cinquenta anos, a Bahia teve apenas uma universidade federal, a Universidade Federal da Bahia. Essa situação só mudou em 2005, quando o Presidente Luiz Inácio Lula da Silva criou a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Até então, as quatro universidades estaduais baianas (Universidade do Estado da Bahia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e Universidade Estadual de Santa Cruz) cumpriram sozinhas a tarefa de interiorização do ensino superior neste que é um dos estados com maior extensão territorial e população do país. No mesmo período, o Rio Grande do Sul já tinha cinco instituições federais e ganhou outra em 2008. Já o Rio de Janeiro possuía quatro universidades federais. São Paulo tinha três universidades estaduais dotadas de orçamento robusto e tinha duas universidades federais na mesma época, ganhando outra em 2005.

Os desembolsos profundamente desiguais dos recursos federais na

forma de bolsas de todas as modalidades e auxílios à pesquisa dos mais diversos tipos por região, unidade federada e instituição são ainda mais escandalosos. Essa grande desigualdade de oportunidades no acesso ao ensino superior e ao fundo público para pesquisa pode explicar, em grande medida, a assimetria na quantidade de autorias por região e estado da federação na coletânea.

O livro é muito rico e diverso em termos de abordagens, temas e “lugares de memória” escolhidos pelos autores e autoras. Há estudos sobre as estruturas edificadas para o embarque e desembarque de mercadorias e pessoas desde o período colonial, inclusive de escravos, como o Cais do Porto de Salvador, objeto do artigo escrito por João José Reis, que abre a coletânea; e o Cais do Valongo, no Rio de Janeiro, sobre o qual Ynaê Lopes do Santos escreveu.

A obra também tem diversos textos tratando de variados tipos de organizações de trabalhadores, congregando diferentes categorias e fundadas em momentos distintos da história da classe trabalhadora, a exemplo do Clube do Cupim, estudado por Felipe Azevedo e Souza, que lançou luzes

sobre o importante papel desempenhado pelos trabalhadores fluviais que labutavam no Rio Capibaribe na construção de uma rota de fuga para os escravizados.

As organizações clássicas do movimento operário também mereceram vários estudos, como os dedicados ao Sindicato dos Ensacadores e Carregadores de Café do Rio de Janeiro (RJ), escrito por André Cicalo; a Sociedade Perseverança e Auxílio dos Caixeiros de Maceió (AL), por Osvaldo Maciel; a Cooperativa Ferroviária de Santa Maria (RS), por Gláucia Vieira Ramos Konrad; a União Operária Primeiro de Maio, de Alegrete (RS), por Anderson Pereira Corrêa; o Bürgerklub (Clube dos Cidadãos), de Porto Alegre (RS), por Frederico Duart Bartz; o Sindicato de Trabalhadoras Domésticas de Campinas (SP), por Louisa Acciari; a Associação Auxiliadora das Classes Laboriosas, de São Paulo (SP), por Hélio da Costa; e o Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, São Bernardo (SP), berço político de Lula, por Cinthia Fanin.

A obra também ofereceu aos leitores múltiplos estudos sobre “lugares de memória” nos quais

funcionaram estabelecimentos industriais de tipos variados, fundados no século XIX e princípios do XX. Começamos pelo artigo escrito por Daniel Rebouças sobre o Solar do Unhão, hoje sede do Museu de Arte Moderna da Bahia, mas que no século XIX funcionou como fábrica de rapé, charutos e cigarrilhas. Outro importante espaço de trabalho que data do século XIX, convertido em equipamento cultural em nossos dias, é o Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos (RS), cuja história foi reconstituída por Clarice Speranza. Ainda mais antigo, com uma história que remonta ao século XVIII, é importante mencionar o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, pesquisado por David Lacerda, que destacou o papel dessa instituição para a construção naval.

Também fundadas no século XIX, destaca-se a Fábrica de Tecidos Aliança, no Rio de Janeiro (RJ), pesquisada por Isabelle Pires; a Fábrica de Ferro Ipanema, em Iperó (SP), objeto de estudo de Jaime Rodrigues e Karina Oliveira Moraes dos Santos; a Companhia de Fiação e Tecidos Piauiense, em Teresina (PI), analisada por Felipe Ribeiro; a Fábrica

e Vila Operária do Biribiri, Diamantina (MG), sobre a qual escreveu Kátia Franciele Corrêa Borges; a Fábrica de Chapéus Souza Pereira, em Sorocaba (SP), examinada por Carlos Carvalho Cavalheiro; a Fábrica Todos os Santos, em Valença (BA), estudada por Silvana Andrade dos Santos; e a Fábrica de Chapéus Mangueira, no Rio de Janeiro (RJ), escrutinada por Lyndon de Araújo Santos.

Há ainda artigos sobre fábricas fundadas nas décadas de 1940 e 1950, como o que foi escrito por Marcelo Almeida de Carvalho Silva sobre a Volkswagen do Brasil; o de Paulo Fontes, sobre a Companhia Nitro Química Brasileira, ambas no estado de São Paulo; e o de José Ricardo Ramalho, a respeito da Fábrica Nacional de Motores, em Duque de Caxias (RJ).

A obra também reúne um conjunto de textos que examinam espaços públicos que, em dados momentos, se tornaram “lugares de memória” para os trabalhadores. Nesse conjunto, ganha destaque o artigo de Luigi Biondi sobre a Rua Caetano Pinto, no Brás, local de residência do operário anarquista de origem espanhola José Gimenez Martinez, assassinado pela

polícia durante a paralisação do trabalho que daria origem à greve geral de 1917 em São Paulo.

Por tudo que foi dito, *Lugares de Memória dos Trabalhadores* é obra de grande importância para a construção de uma história pública do trabalho no Brasil.

Aldrin Castellucci  

Universidade do Estado da Bahia